



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODESENVOLVIMENTO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
LINGUAGENS E CÓDIGOS**

JOSIMARA MONTEIRO RABELO

**MEMÓRIA DE VELHOS QUILOMBOLAS: A HISTÓRIA DA COMUNIDADE
SANTO ANTÔNIO, EM GURUPÁ, RIO AMAZONAS, PARÁ**

GURUPÁ-PARÁ

2021

JOSIMARA MONTEIRO RABELO

**MEMÓRIA DE VELHOS QUILOMBOLAS: A HISTÓRIA DA COMUNIDADE
SANTO ANTÔNIO, EM GURUPÁ, RIO AMAZONAS, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
do Pará – UFPA, como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em
Educação do Campo com ênfase em
Linguagens e Códigos. Orientador:
Prof. Dr. Marcelo Pires Dias.

GURUPÁ-PARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R114m Rabelo, Josimara Monteiro.
Memória de velhos quilombolas: a história da comunidade Santo Antônio, em Gurupá, Rio Amazonas, Pará / Josimara Monteiro Rabelo. — 2021.
19 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Pires Dias
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Etnodiversidade, Altamira, 2021.
1. Comunidade quilombola. 2. Território . 3. Memória . 4. Identidade. I. Título.

CDD 307.72098115

RESUMO

Este artigo tem como finalidade descrever e refletir sobre a memória dos velhos quilombolas da Comunidade Santo Antônio do Rio Ipixuna, em Gurupá, no Pará. Partimos do princípio de que essas memórias e histórias locais são fundamentais para preservação da identidade quilombola, do território e dos direitos direcionados a nossa população. Apresentamos ao longo do texto como foram as lutas em torno da sobrevivência, do direito à terra, dos avanços e desafios para alcançar uma visibilidade, bem como o reconhecimento dos direitos dos remanescentes de quilombo. A metodologia seguiu a perspectiva da história oral com roteiros de entrevistas para relacionar os fatos passados, recentes e seus reflexos nos dias atuais. O estudo evidenciou que o acesso à educação formal é necessário em qualquer meio social, e para comunidades tradicionais quilombolas a educação é um meio de luta, resistência. Sobretudo de preservação da identidade cultural, desde que esteja relacionada com a realidade local.

Palavras-chave: Comunidade quilombola. Território. Memória. Identidade.

INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Polo Gurupá, trata-se de um curso de formação de professores para atuarem na Educação Básica do campo na área de Linguagens e Códigos, assim como na área de Ciências da Natureza em comunidades tradicionais, quilombolas e ribeirinhas, que historicamente sempre tiveram pouco acesso à educação formal, principalmente em nível superior. O curso tem a duração de 4 anos, dividido em 8 semestres letivos onde ocorrem aulas presenciais em período intensivo nos meses de janeiro/fevereiro e julho/agosto, o Tempo Universidade, que eram sempre acompanhados de atividades feitas nas comunidades no intervalo das aulas presenciais, denominados de Tempo Comunidade.

O Tempo Universidade, que consiste em estudos desenvolvidos na UFPA e na parte teórica que envolve os acadêmicos em um processo educativo, onde acontece as aulas de maneira intensiva, quando, como estudantes universitários, podemos fazer comparações com nossa realidade, refletir sobre conceitos, aprender teorias, e assim montar estratégias que articulam experiências acadêmicas e, portanto, ter um perfil educacional sobre seu lugar de origem e outras localidades.

O Tempo Comunidade, oportuniza o desenvolvimento de estudo na comunidade, consiste na experiência e vida no seio da comunidade de pesquisa, na qual ocorrem as atividades extras escolares, como as pesquisas de campo. A construção dos processos educativos contempla diferentes tempos e espaços pedagógicos, extrapolando a sala de aula e espaços escolares. Trata-se, portanto, de espaço-tempos de aprendizagem significativas, porém um pouco diferente dos modelos tradicionais conhecidos como “Disciplinas”. Assim a cada semestre, os alunos formularão um Plano de Estudo (roteiro) que guiará a realização da pesquisa no Tempo-comunidade respectivo. No início do semestre seguinte, este plano de estudo será socializado no Seminário Tempo-universidade e os conteúdos de cada componente curricular devem dialogar com as descobertas feitas no Tempo-escola precedente. Já nos dois últimos anos do curso que também é Tempo-comunidade, são feitos os estágios na educação básica outra parte fundamental na formação docente.

Desta forma, os dois ambientes, teórico (sala de aula) e prático (pesquisas e estágios na comunidade) se complementam em relação ao ensino e a aprendizagem dos discentes, tendo como base a pedagogia da alternância, onde o aluno não só estuda conteúdos científicos, mas também sua realidade no ambiente em que vive, tendo sua formação não só para seu trabalho, mas para sua vida cotidiana.

Como aluna do curso de Educação do Campo e moradora de uma comunidade quilombola, nos meus estágios docentes foram feitas observações na escola de minha comunidade, e a regência em sala de aula na disciplina de língua Portuguesa, o que representou as minhas primeiras experiências como docente.

Dentre os quatro estágios que realizei, dois foram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Quilombola Cloves Almeida dos Santos, na comunidade Santo Antônio do Camutá do Rio Ipixuna, que fica localizada no meio rural do município de Gurupá, com alunos do 6º e do 7º ano (multiano) do Ensino Fundamental, no período de setembro a outubro de 2018, e com alunos de 8º e 9º ano (multiano), no período de maio e junho de 2019.

A comunidade Santo Antônio é uma comunidade de remanescentes de quilombo, criada no ano de 1948, pelo senhor Cloves Almeida dos Santos que foi um dos primeiros moradores, junto de sua família. A comunidade possui atualmente 194 moradores e 49

famílias. Ela fica localizada no Camutá¹ do Rio Ipixuna, um rio que divide os municípios de Gurupá e Porto de Moz. A comunidade é formada de três vilas vizinhas que são: Vila Canta Galo, Vila Tapera e Vila Terra Preta.

As casas são todas próximas umas das outras, a maior parte de alvenaria, de modo que 19 casas na vila Canta Galo foram construídas pelo programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal², na qual algumas famílias foram contempladas. Essa conquista foi uma luta da Associação de Remanescente de Quilombo de Gurupá (ARQMG), pois por meio da mobilização, os líderes conseguiram que essas famílias fossem contempladas e nisso a comunidade passou por muitas mudanças em seu espaço físico.

A maioria dos moradores da comunidade professam a religião católica, realizam festejos religiosos. Na comunidade há barracões comunitários, igreja, cantina e um gerador de energia que é usado só em uma parte da noite (das 18h às 22h), bem como água encanada.

Foi nesse contexto que, através das pesquisas e estágios em minha comunidade, pude perceber o desconhecimento e o desinteresse das pessoas mais novas com relação às ricas histórias que a comunidade tem e, além do mais, muitas dessas histórias não têm registro seguro a não ser na memória dos idosos, que sabemos que quando se forem levarão com eles toda essa riqueza. Portanto, a partir do momento em que fui fazendo essas descobertas no decorrer dos tempos comunidades, ia aumentando meu interesse em fazer pesquisas mais profundas sobre a história da comunidade preservada na memória dos mais velhos, conhecer como tudo começou e, afinal, saber quem somos nós e de onde viemos.

Os povos tradicionais, sobretudo as comunidades quilombolas que se formaram por meio de um processo que começou desde os tempos da escravidão, são comunidades que já sofreram e sofrem inúmeras dificuldades.

Julgo extremamente importante guardar as histórias e memórias da comunidade, pois acredito que a escola é também um lugar da memória, quer dizer, na escola se ensina conteúdos, valores, cidadania, mas também se pode ensinar isso tudo por meio da memória coletiva. Ter registrada a história de uma comunidade como essa, remanescente quilombola,

¹ Geralmente as comunidades mesmo pertencendo há algum rio, recebe também outro nome específico para destacar o local daquela comunidade. Isso é bastante comum de acontecer no meio rural. Principalmente em rios mais extensos como é o caso do Rio Ipixuna.

² O programa Minha Casa Minha vida é um programa do governo Federal em parceria com associação da comunidade. Porém nem todos são beneficiados pois existe alguns critérios para serem contemplados como não possuir vínculos empregatícios (funcionários públicos), pensionista ou aposentados. Desse modo, apenas as 19 famílias foram contemplados no programa.

para que os jovens do lugar aprendam sobre a própria origem, é algo fundamental, tanto ao estímulo ao interesse do aluno pelo gosto do conhecer, quanto pela aproximação que a escola promoveria entre a educação formal e a realidade da vida no lugar onde se está ensinando.

O professor Antônio Candido afirma no texto “o direito a literatura”, no livro “Vários escritos”, que os povos desde suas origens já utilizavam a literatura como forma de garantir sua história e sua memória que:

Enquanto de um lado o operário começava a se organizar para a grande luta secular na defesa dos seus direitos ao mínimo necessários, de outro lado os escritores começavam a perceber a realidade desses direitos, iniciando pela narrativa da sua vida, suas quedas, seus triunfos, sua realidade desconhecida pelas classes bem aquinhoadas (CANDIDO,1995, p. 182).

É preciso conservar a identidade quilombola, sua história de sofrimentos e tragédias mas também de luta por libertação e outros direitos, como o direito à terra e o direito à educação de qualidade. Vítimas históricas da escravidão e do preconceito racial, muitas dessas pessoas seguiram lutando por direitos e espaço. A história de criação da comunidade quilombola Santo Antônio é extremamente relevante nesse sentido, em que agricultores ribeirinhos quilombolas se uniram para alcançar o direito a uma terra, com floresta, rios, fauna e flora para suas famílias.

Nesse sentido, Ecléa Bosí, no livro “Memória e Sociedade” fala da importância das histórias e memórias das lutas e sofrimentos daqueles que já trabalharam por seu povo, ao contar ao leitor o porquê de estudar profundamente as “lembranças dos velhos “O intuito que me levou [...] foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós” (BOSI, 1998, p. 37).

1. METODOLOGIA

A pesquisa realizada na comunidade quilombola Santo Antônio é qualitativa porque o objetivo é explorar um assunto no que diz respeito a origem de um povo quilombola, a partir de entrevistas com vários idosos, buscando obter dados das nossas origens, conhecer de onde viemos, buscando produzir informações aprofundadas acerca do tema da pesquisa.

A pesquisa teve como base as observações na Comunidade Santo Antônio e entrevistas com 5 moradores mais velhos, que depois de explicado os objetivos desta pesquisa

para comunidade local na contribuição de conhecimento científico os entrevistados autorizaram³ a utilização do seus nomes neste artigo ou em outros meios de divulgação. Os entrevistados foram: Coriolano Ferreira do Nascimento de 74 anos, que atualmente trabalha na comunidade como catequista, liderança comunitária e delegado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Gurupá; Beatriz Pereira dos Santos de 83 anos, hoje não exerce cargos na comunidade, mas é a anciã da comunidade; Jaime Pereira dos Santos, tem 67 anos e é morador da comunidade, contribui na comunidade sem um cargo específico; Maria da Paixão Pereira dos Santos tem 73 anos, não exerce cargos na comunidade, mas é uma moradora que sempre está pronta para ajudar no que estiver ao seu alcance pela comunidade; e por final, Dorivaldo dos Santos Nascimento, que atualmente faz parte da coordenação da comunidade e da diretoria da ARQMG.

O critério para escolha dos entrevistados partiu de pessoas que estiveram diretamente envolvidas no processo de liderança da comunidade e, de moradores mais antigos que mesmo não estando diretamente engajados com as lutas, mas são importantes observadores e testemunharam vários destes acontecimentos relevantes na comunidade. Visto que a “História Oral privilegia a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história” (FREITAS, 2006, p. 50).

Para que as entrevistas tivessem bons resultados, levei em consideração as informações e procedimentos de uma metodologia de pesquisa da história oral, mas como enfatiza Freitas (2006) para aprender a fazer uma entrevista é necessário a *praxe*. Assim foi elaborado um roteiro de perguntas que permitiam ao entrevistado falar à vontade sobre o tema da entrevista sem confundir-lo com perguntas difíceis. Então, deixava o entrevistado livre para falar e quando percebia que ele estava começando a tangenciar do assunto que nos interessava, eu fazia uma pergunta para que o entrevistado pudesse voltar a falar sobre o assunto do tema. Além disso, todas as entrevistas foram gravadas por meio do *smartphone* com o consentimento dos entrevistados e depois transcritas para o computador.

Mediante a pesquisa realizada não poderia deixar de ressaltar a importância dos autores, tal qual, ajudaram a reforçar minhas ideias e conceitos sobre o tema estudado. Por meio das reflexões de autores Paulo Freire e Miranda (2003) que apresentam estudos importantes dos desafios e perspectivas das comunidades quilombolas.

³ A autorização dos entrevistados aconteceu verbalmente em conversas realizadas antes das entrevistas, pois a maioria dos entrevistados com exceção de dois, não sabem assinar o próprio nome. E os que poderiam assinar não hesitaram em autorizar o uso de seus nomes, pois pertencem a comunidade de modo que está tinha conhecimento da relevância desta pesquisa.

2. DA FALTA DE REGISTRO, A NECESSIDADE DA MEMÓRIA: histórias contadas pelos velhos quilombolas

2.1 A ORIGEM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTO ANTÔNIO

A Comunidade Santo Antônio começou com a ocupação das cercanias do rio por parte primeiras famílias que se refugiaram na região. O patriarca de uma dessas primeiras famílias é um dos fundadores da localidade e se chama Cloves Almeida dos Santos, o mesmo morava com sua família num lugar bem distante que se chamava “Bom Fim”, que ficava distante da beira do rio, como uma forma de proteção. Depois ele foi olhar esse lugar onde hoje é a vila, segundo uma de suas filhas, a princípio seu pai subiu em uma árvore para avistar a beira do rio e ocasionalmente, depois de sua descoberta ele fez um caminho até chegar na beira do rio e ali começaram a povoar com quatro casas e hoje esse conjunto de casas se tornou um vilarejo. Cloves Almeida dos Santos faleceu em 1985 deixando cinco filhas, todas já tinham suas famílias, onde seu genro Coriolano Ferreira do Nascimento ao chegar na vila começou a luta para a criação da comunidade e em prol dos direitos daquele povo.

Outro fato importante contado pelos primeiros moradores foi que uma das vilas ficou conhecida como Canta Galo devido ouvirem sempre cantos de galo no fundo do rio sempre no horário de meio-dia. Mas, a princípio como bem se recorda seu Coriolano que é um dos entrevistados, desde a sua chegada em 1997, as pessoas viviam de maneira frugal e com o mínimo para sua sobrevivência. Ainda não tinham conhecimentos básicos de seus direitos, portanto os moradores estavam desmobilizados.

A falta de assistência em relação às pessoas que moravam no interior do município era tamanha que muitas famílias perderam seus membros durante a epidemia de sarampo, dada a falta de vacinação. Foi a partir desse momento que seu Coriolano deixou de ser apenas um observador e, passou a se envolver mais profundamente com as questões da comunidade e de seus moradores que viviam em situações precárias pois,

Quem, melhor que os oprimidos se encontrará preparado para atender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela finalidade que derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se aporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 1987, p. 17).

Muitos não sabiam a localização de Gurupá, a sede do município, porque a maioria das vezes os moradores compravam de “marreteiros”, que são vendedores eventuais que circulam pelos rios e igarapés vendendo itens de subsistência. Além disso, a principal forma de agricultura praticada era o cultivo da mandioca, extração do timbó, comercialização de peles de animais; enquanto que o milho e o feijão eram destinados apenas para o consumo próprio.

O cultivo e o preparo da mandioca para a fabricação da farinha demandavam bastante tempo porque tudo era feito manualmente. A mandioca era processada por um ralo e para ser comercializada precisava ser “empalhada” devido ser a única forma de armazenar o produto. Nesse processo de empalhar eram destinadas algumas pessoas para fazer a retirada da palha em grande quantidade e, na volta dependia da sorte, caso chovesse as palhas chegavam todas molhadas e

No outro dia tinha que espalhar as palhas todinha para poder enxugar aí ia fazer os paneiros para poder empalhar a farinha e poder ir comercializar o produto deles e, tudo aquilo era uma situação de calamidade que me preocupava” (Coriolano Ferreira do Nascimento, entrevista durante a pesquisa realizada na Comunidade Santo Antônio do Camutá do Rio Ipixuna, dezembro de 2019).

Para viajar até a sede do município era necessário passar quatro dias fora da residência com dois dias para chegar à cidade, e dois dias para vim para casa sendo e todo esse trajeto era feito a remo⁴ em canoas grandes, pois não havia barcos motorizados na comunidade. Desta forma, os agricultores sofriam uma espécie de exploração, pois a farinha e os demais itens produzidos eram comprados por atravessadores por preços abaixo do mercado.

3.2 Religiosidade

Como vimos a maneira como as pessoas viviam eram bem precárias e de alguma maneira desorganizada, pois as pessoas que vinham nesses lugares apenas se aproveitavam da situação de vulnerabilidade, porém, tudo isso não tirava a alegria do povo de festejar os padroeiros como o Santo Antônio, São José, São Francisco e São Pedro. Essas festividades não se limitavam apenas ao religioso, pois existia uma mistura do profano e do religioso, de modo que nesse momento os moradores bebiam, comiam, dançavam e rezavam. Logo em 1975 seu Coriolano iniciou um processo de catequese em todo o setor Ipixuna e no ano de 1978 os vilarejos (Canta Galo, Terra Preta e Tapera) foram registrados como comunidade

Santo Antônio e o santo passou a ser o padroeiro da comunidade, tendo festejos todos os anos do dia 04 a 13 de junho, começando com levantamento do mastro e terminando com a derruba no dia 13 de junho. Entre os dias da festividade ocorrem missas todas as noites, bingo, leilão e a manifestação cultural chamada “dança do gambá”.

FIGURA 1: Momento de gincana e descontração na comunidade quilombola Santo Antônio, em Gurupá, ano 1999.



FONTE: Arquivo pessoal de Coriolano Ferreira do Nascimento.

A partir dos anos 80 do século XX, a comunidade passou a se basear nos regulamentos da paróquia de Santo Antônio de Gurupá sendo de novo um dos desafios enfrentados porque seu Coriolano era a única pessoa com escolaridade e por isso ficava responsável para orientar como deveria funcionar uma comunidade como ele menciona em seu relato:

Isso deu um trabalho que só Deus sabe o quanto eu sofri e tudo que eu passei, mas também não desisti, fui fazer meus cursos de capacitação, comecei com meus estudos catequéticos e fui sentindo na pele a necessidade mais de perto de cada pessoa e assim a gente foi levando (Coriolano Ferreira do Nascimento, entrevista durante pesquisa realizada na Comunidade Santo Antônio do rio Ipixuna, Dezembro de 2019).

Nessas capacitações participavam diversas lideranças comunitárias as pessoas começaram a descobrir “que a nossa sociedade é opressora, que não existe liberdade democrática para todos no país. Os que tem o poder em mão oprimem os fracos, praticam a injustiça, essas atitudes vividas desde a época do descobrimento sobre o regime de Portugal (PANTOJA, 2016. p. 29). A partir desse momento, a comunidade passou a entender a importância da mobilização.

FIGURA 2: Formação religiosa na comunidade quilombola Santo Antônio, em Gurupá, no Pará. Juntamente com as lideranças, jovens e criança no ano 2000.



FONTE: Arquivo pessoal de Coriolano Ferreira do Nascimento.

A luta pelos direitos da comunidade, a qual seu Coriolano cita muitas vezes em seu relato, fez com que ele se sentisse em algumas ocasiões cansado, porém a força de vontade de promover uma mudança no seu local era o que mais lhe motivava a continuar nessa busca por melhores condições de vida no campo. Desta forma, percebemos o papel fundamental da Igreja Católica em promover não apenas uma formação religiosa, mas também uma formação cidadã, esclarecendo aos oprimidos sobre seus direitos.

3.3 Avanços e desafios na comunidade quilombola

Em 1980, para a surpresa de muitos houve a necessidade de demarcar o território para que ele fosse reconhecido e titulado como quilombola, com o propósito de evitar possíveis invasores de outras localidades. Esse processo de demarcação de terra foi iniciado, porém gerou muitos conflitos, inclusive ameaça de morte e perseguição, o que mobilizou a presença de entidades como o IBAMA⁵, SEMAS⁶ e a polícia federal. O processo de regularização fundiária foi mais extenso, sendo necessário um levantamento em todo o município para saber quais as terras e as famílias que poderiam ser consideradas quilombolas.

⁵ IBAMA, “Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis”, que é um órgão federal responsável pelas políticas de proteção do meio ambiente no Brasil.

⁶ SEMAS, “Secretaria de Estado de meio Ambiente e Sustentabilidade”.

FIGURA 3: Registro de um dos momentos de regularização das terras quilombolas que contou com o apoio dos moradores e representantes da secretaria do meio ambiente. Ano de 1999.



FONTE: Arquivo pessoal de Coriolano Ferreira do Nascimento.

Essa regularização fundiária se continuou em 1990 e perdurou até 1999, momento no qual a comunidade conseguiu conquistar o título de reconhecimento de comunidade remanescente de quilombo. Devemos considerar que a luta foi árdua e frequente, pois, até os dias atuais, mesmo com o reconhecimento da terra a comunidade já cedeu (perdeu) parte de sua propriedade para evitar eventuais conflitos, porém a terra para os quilombolas tem múltiplos sentidos pois, “a posse da terra constitui um mecanismo que faz surgir os laços familiares e as relações que se desenvolvem no território, sendo responsável pela permanência das pessoas na localidade. É dela e é nela que os moradores vivem e lutam” (MIRANDA, 2013, p. 257).

Mesmo assim muitas coisas mudaram a partir deste reconhecimento e da visibilidade dos quilombolas dentro do próprio município, hoje as famílias produzem a farinha com muita facilidade, visto que as tecnologias ajudaram na praticidade da fabricação. Logo, o transporte para comercialização dos produtos, onde a maioria tem suas embarcações é feito de maneira individual, alguns ainda vendem na localidade; e o melhor de tudo isso é que as pessoas aos poucos vão conhecendo seus direitos e deveres.

Nesse meio tempo vale destacar também outra bandeira de luta que passou a ser levantada na comunidade foi o acesso à educação. Nesse processo podemos dizer que não se difere da realidade das muitas escolas do interior do município, que iniciaram com o ensino apenas de 1ª a 3ª série do ensino fundamental menor (antigo 1º Grau), e não existia uma exigência mínima de graduação para o exercício da docência no município, pois quem havia concluído a 2ª série já podia lecionar, pois não havia pessoas com maiores escolaridades, para a demanda do meio rural. O que mais dificultou nesse processo é que existiam mulheres que poderiam assumir essa profissão, mas os esposos não permitiam, pelo fato das aulas serem em

suas residências. Tudo isso devido a escola não ter espaço próprio. Como perceberemos isso também dificultou a alfabetização das mulheres conforme o relato de dona Beatriz:

Nunca estudei, nunca tive a chance de meu pai me colocar em uma escola para estudar, até porque não existia escola, depois que veio uma professora pra um lugar aqui perto, mas meu pai nunca deixou eu estudar porque ele dizia que não sabia para quê que nós ia estudar? Aprender para mandar bilhete para macho, era o que ele sempre falava e por isso eu não sei ler e nem assinar meu nome, só tenho as coisas na memória (Beatriz Pereira dos Santos, entrevista, 2020).

Como não chegaram a um acordo, os professores vinham da cidade e passavam dias e semanas para retornarem as atividades, e constantemente as crianças eram prejudicadas ora pela falta de merenda, transporte, local improvisado para estudarem o que não favorecia em nada na educação dos alunos. A questão da educação era muito precária:

Naquela época era mais difícil porque naquele tempo não tinha merenda, não tinha cadeira para sentar, não tinha materiais adequados, (Jaime Pereira dos Santos, entrevista, 2020).

A comunidade começou a reivindicar um espaço escolar adequado, uma conquista que durou aproximadamente 12 anos para acontecer até a comunidade firmar parceria com a Prefeitura de Gurupá e o Governo do Pará para a construção da escola. Desta maneira a comunidade conseguiu uma estrutura escolar com padrão adequado (ver figura 04).

FIGURA 4: Prédio escolar Quilombola Cloves Almeida dos Santos. (Ano de 2016)



Fonte: Arquivo pessoal de Josimara Monteiro Rabelo.

A escola recebeu o nome de Cloves Almeida dos Santos, um dos pioneiros na busca pelo reconhecimento da comunidade quilombola. Afinal, a “experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção” (FREIRE, 1987, p. 17).

Além disso, a formação de professores que fossem da comunidade ajudaria bastante para resignificar o conhecimento que existe na comunidade, sendo que a educação é uma das ferramentas necessárias para alcançar o verdadeiro exercício da cidadania. E foi justamente uma das conquistas que mais a comunidade sente orgulho, pois através desses professores locais que foi possível proporcionar um processo educativo significativo, que dialoga com a identidade quilombola, preservando as raízes e a cultura tradicional quilombola.

Em outras ocasiões a escola já promoveu programações com toda a comunidade para reforçar a identidade quilombola, contando através do teatro a história de Cloves Almeida dos Santos, desde sua chegada na vila até o dia em que saiu para pescar e infelizmente morreu afogado. Momentos esses que ficaram para história da escola e que poderiam ter sempre, mas foram esquecidos.

FIGURA 4: Momento da encenação que antecede a morte misteriosa de Cloves Almeida dos Santos, grande liderança da comunidade. A escola foi batizada em seu nome para que sua história nunca seja esquecida (ano de 2003).



FONTE: Arquivo pessoal de Coriolano Ferreira do Nascimento.

FIGURA 5: Elenco da peça de Clovis Almeida, no momento do encontro dos amigos e parentes horas antes do sepultamento de seu Clovis Almeida.



FONTE: Arquivo pessoal de Coriolano Ferreira do Nascimento (2000).

Essas conquistas têm um valor indescritível para os moradores mais antigos das comunidades remanescente de quilombo, o que pode ser constatado no depoimento de Dona Beatriz “Minha família é toda de gente morena, verdadeiros quilombolas! Meu pai era bem negro. Até hoje vivemos aqui”. Pois, o maior medo dos mais velhos é que essas histórias caiam no vazio do esquecimento e, que a juventude não dei o devido valor as suas origens. Vale lembrar que “a luta do povo negro sempre se fez presente na História do Brasil, seja através da criação de diversos quilombos durante o período da escravidão e de outras formas de resistência” (MIRANDA, 2013, p. 259).

Daí a importância desta pesquisa para registro dessas memórias pois, os anciãos dessas comunidades quilombolas não tiveram a oportunidade de estudar, inclusive muitos são analfabetos, sendo que a fonte oral é um dos principais meios para propagação da identidade e dos conhecimentos acumulados durante o tempo. Deste modo os relatos orais são de fundamental importância para entender a relação com a memória, identidade quilombola, territorialidade e sobretudo para a continuidade dos direitos dessas populações.

3.4 O PAPEL DA ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO

A Associação dos Remanescentes de Quilombo do Município de Gurupá-ARQMG foi criada com o objetivo de ajudar as famílias de baixa renda que não conheciam os seus direitos. A associação permitiu a organização de 12 comunidades para definição dos títulos

definitivos de terra. Vale ressaltar que a titulação das terras foi concedida apenas em 1999, mas antes disso já havia uma organização por parte da comunidade com esse objetivo.

Dessa forma a ARQMG é uma organização sem fins lucrativos, mas para organizar as comunidades e criar projetos para agricultura que ajudem na renda das famílias e, “também fiscalizar para não deixar invasores entrarem e levarem as coisas da comunidade. Assim como acontecia muito, pessoas que nem eram do local levavam madeira, timbó, castanha, caças entre outros” (Dorivaldo dos Santos nascimento, entrevista, 2021).

A comunidade já foi beneficiada na produção do cacau, da castanha e o açaí. E as cestas básicas são distribuídas igualmente entre as famílias que residem na comunidade, pois, apenas os moradores podem ser sócios, evitando fraudes e garantindo o direito para essas comunidades. Atualmente, a diretoria da associação está em busca de novos projetos para realizar o Manejo florestal, vale ressaltar que esses projetos são consolidados devido ao apoio de outros órgãos representativos para que tudo seja planejado e executado legalmente com as famílias.

Cabe destacar que na associação há o critério para o tempo de cumprimento da diretoria, que a cada dois anos é eleita uma nova chapa para assumir o cargo. Mas nem sempre foi assim:

Antes não havia eleição porque as comunidades entravam em consenso, mas de alguns tempos pra cá já surgiu outra opção de diretoria e foi criada a eleição para todos votarem. Além da diretoria tem 3 pessoas de cada comunidade que compõe o conselho fiscal para fiscalizar a diretoria e suas ações em relação a associação. A diretoria é composta por pessoas de comunidades diferentes (Dorivaldo dos Santos Nascimento, entrevista, 2021).

De alguma maneira isso facilitou para que todos os avanços na comunidade acontecessem, de forma transparente e com a participação das comunidades. Além disso, os sócios também podem opinar seja votando ou escolhendo alguém de confiança para fiscalizar os projetos já existente e os quais ainda estão por vir. Daí percebemos a importância da organização das comunidades que após um longo caminho percorrido e, hoje, reconhecidos como sujeitos de direitos desfrutam dos benefícios que lhe foram há longo tempo negados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos essa pesquisa no território quilombola percebemos que a população quilombola possui uma rica diversidade de histórias, cultura e religiosidade. No entanto, ainda enfrentamos novos e velhos dilemas para a preservação da nossa identidade, seja nas novas gerações que não se identificam com suas origens, muitas das vezes pela falta de conhecimento da história. Também ficou latente constante luta para defesa de suas terras, pois é nela que se construíram as relações familiares, o pertencimento e a territorialidade.

Gostaria também de enfatizar a importância do Curso de Educação do Campo ao tornar viável essa aproximação do acadêmico com a realidade das comunidades tradicionais. Em virtude dessa aproximação eu demonstrei o interesse em conhecer mais a minha comunidade fortalecendo meu vínculo e minha identidade.

Diante dos relatos coletados percebi a importância desse resgate histórico, no qual a educação se mostra como o principal instrumento de acesso aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade. A luta pelo direito à educação não se resume apenas ao desejo de tornar os alunos letrados, mas sim pelo reconhecimento dos saberes existentes, da história local e da preservação desses saberes. Nesse sentido a escola tem um papel central nas comunidades tradicionais e deve proporcionar um ensino consciente desses saberes e identidade para que os jovens preservem os costumes e valores das comunidades quilombolas e de outros povos tradicionais.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**/ Ecléa Bosi. -3. Ed. –São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, Antônio. **O direito a Literatura**. São Paulo. Editora Azul, 2011.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos** /Sônia M aria de Freitas. 2. ed. – São Paulo: Associação. Editorial Humanitas, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire. –São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (coleção leitura)

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Comunidades Quilombolas do Brasil: Desafios e perspectivas. **Cordis**. Revoluções, cultura e política na América Latina, São Paulo, n. 11, p. 253-279, jul./dez. 2013.

PANTOJA, Edgar. *Nossa luta, nosso povo* / Edgar Pantoja. – PA: Ed. Do Autor, 2016. 97 1p.